
terra roxa

e outras terras

Revista de Estudos Literários

OS REFLEXOS EXPLORATÓRIOS DA COLONIZAÇÃO PRESENTES EM
“O CANTO DO PIAGA”, DE GONÇALVES DIAS:
UMA ABORDAGEM PÓS-COLONIAL

Fabício César de Aguiar (PG – UEM/CAPES)
fabriciomustaine@gmail.com

RESUMO: O artigo em questão visa propor uma discussão, através da análise do poema “O Canto do Piaga”, de Gonçalves Dias, sobre a postura do colonizador europeu em relação aos nativos da América do Sul, destacando a maneira como esta relação foi maléfica para os nativos. Os colonizadores viam na antiga colônia um local com grande capacidade para exploração, tanto material quanto humana, fazendo com que subestimassem os povos aqui encontrados, gerando assim uma visão bem negativa dos colonizadores referente às suas atitudes, as quais repercutiram em vários campos do conhecimento, inclusive nas artes, como no caso do poema em questão.

PALAVRAS-CHAVE: literatura pós-colonial; zona de contato; outremização.

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

A análise aqui proposta irá se embasar nos conceitos da teoria pós-colonial, a qual visa uma postura interpretativa político-ideológica estruturada na relação entre discurso e poder. Essa teoria começou a se destacar no final do século XX e, segundo (Bonnici 1998: 10), “desde sua sistematização nos anos 70, a crítica pós-colonial se preocupou com a preservação e documentação da literatura produzida pelos povos degradados como “selvagens”, “primitivos” e “incultos” pelo imperialismo”. Os principais críticos desta tendência buscam desenvolver suas análises sem a utilização dos já conhecidos métodos tradicionais, passando a abordar com olhares ainda não “viados” textos já analisados pela forma tradicional e, muitas vezes, encontrando nestas obras outras releituras. Desta forma, segundo Bonnici, os críticos pós-coloniais

criticam as epistemologias modernas fundacionistas e desmascaram a situação contingente, particular e histórico daquilo que até o passado recente era considerado como necessário, universal e a-histórico. Contudo, nesse processo, os pós-colonialistas adotam certas teorias que assemelham às *metanarrativas* rechaçadas pelos pós-modernistas. Essas *metanarrativas* contêm aspectos essenciais e a-históricos; não levam em consideração as diversidades históricas e culturais; universalizam aspectos do teórico em questão no que diz respeito à época, ao tipo de sociedade, à cultura, à classe, ao grupo étnico. Contudo, certas exigências e pressões políticas quebram o arcabouço das “metanarrativas” pós-coloniais. (2005a: 46)

Sendo assim, faz-se necessário ressaltar e explicar teoricamente alguns termos que serão utilizados na análise em questão, visto que são conceitos específicos da teoria Pós-colonial. O primeiro conceito a ser esclarecido será o de “zona de contato”, o qual trata da relação estabelecida entre pessoas de localizações geográficas distintas em contato no mesmo espaço geográfico onde culturas diferentes se encontram, enlaçam-se, chocam-se, ocorrendo muitas vezes trocas de culturas de maneiras não igualitárias, mas assimétricas.

Trocas culturais deste tipo intitulam-se como “transculturação”, segundo a teoria pós-colonial, a qual se refere à transmissão da cultura dos grupos dominantes aos grupos dominados, feita muitas vezes de maneira imposta e violenta através de um tratamento coercivo e desigual em relação às partes envolvidas. Sendo assim, percebe-se uma relação de dominação e de subordinação na qual uma das culturas tem maior destaque, passando a ser vista como a mais importante, sendo a outra subestimada. Sabe-se que supervalorização de uma cultura em detrimento de outra revela uma imagem errada, formada por um discurso marcadamente ideológico e parcial, o qual é construído com o auxílio de outras forças impositoras, sejam estas políticas, econômicas ou militares. É o que nos mostra Michel Foucault, ao afirmar que:

nenhum acontecimento nasce de uma causa única, mas é o produto de uma vasta rede de significantes e de poder. [...] De fato, na política, nas artes e na ciência o poder se constrói através do discurso e, portanto, a pretensão de que haja objetividade nos discursos é falsa, havendo então, apenas discursos mais poderosos e menos poderosos. (Bonnici 2005b: 224)

Desta forma, apenas uma das culturas passará a ter destaque, sendo esta geralmente a cultura do povo militarmente mais “forte”, pois é de maneira impositiva que se mudam os costumes e organizações sociais, econômicas, políticas, sociais, religiosas e artísticas do outro. Um dos argumentos presente no discurso dos colonizadores para estas mudanças é o de que eles estão inserindo-se em um novo espaço geográfico buscando trazer uma visão civilizadora para que estes povos nativos, os quais na ótica dos colonizadores se encontram mais “atrasados”, possam “evoluir” e melhorar suas condições de vida. Este tipo de discurso foi utilizado, por exemplo, na colonização portuguesa e espanhola, da América do Sul, causando a mudança dos costumes

e da tradição cultural indígena como um todo, pois como se pôde notar houve, por exemplo, uma desvalorização dos ritos religiosos indígenas ao serem substituídos pelo cristianismo através da catequização feita pelos jesuítas, ou também podemos citar a mudança na linguagem oficial dos habitantes deste continente, passando-se a valorizar a língua do colonizador, no caso do Brasil, a língua portuguesa, sendo este o idioma oficial até os dias atuais.

Este velho mecanismo de colonização/exploração também foi utilizado na América Espanhola, assim como na colonização da África pelas grandes nações européias, assim como continuam acontecendo até os dias atuais. Percebe-se que se mudam os tempos, mas não as regras do jogo. Assim, fica claro o motivo destes povos, considerados “superiores” cultural e intelectualmente, deslocarem-se de suas terras para apenas sociabilizarem seus avanços científicos e humanos. Sem dúvida, por trás deste discurso estão escondidos outros objetivos. Nota-se através dos relatos descritivos e dos estudos históricos que os colonizadores viam nas antigas colônias locais para exploração em grande escala, sendo estas intenções evidentes desde o início de seus deslocamentos até a chegada às terras exploradas. Podemos exemplificar isso com a chegada de Colombo às Américas que, na versão oficial da História, mostra que esta “descoberta” ocorreu de maneira “quase acidental”, ou seja, registra-se que descobrir a América não era o objetivo de Colombo. Porém, como explica Nascimento:

Colombo não tem nada de um empirista moderno: o argumento decisivo é o argumento de autoridade, não de existência. Ele sabe de antemão o que vai encontrar; a experiência concreta está aí para ilustrar uma verdade que possui, não para ser investigada, de acordo com regras estabelecidas, em vista de uma procura da verdade. [...] Colombo descobre o continente americano propriamente dito porque procura, de maneira bem ordenada, aquilo que chamamos de América do Sul, como revelam suas anotações. “Por razões de simetria, deve haver quatro continentes no globo, dois ao norte e dois ao sul, ou, vistos no sentido contrário, dois a leste e dois a oeste”. (2005a: 28-29)

São por fatos históricos semelhantes a estes que se devem relativizar as conhecidas “verdades” históricas. Na realidade, sempre temos apenas uma versão subjetiva e parcial dos fatos, narrados pela ótica dos dominadores que conseguiram transformar o seu poder em saber, ou seja, em conhecimentos históricos. Sobre isto, Michel Foucault nos esclarece que:

O saber não é o seu efeito de acesso das ciências para o mundo real ou para a realidade autêntica, mas das regras de seu próprio discurso. Segue-se que o saber das ciências humanas é constituído porque as pessoas foram persuadidas a aceitá-lo como tal. É saber por que o discurso é tão poderoso que nos faz acreditar que seja saber. O saber, portanto, é produzido pelo poder. Para Foucault, a questão da veracidade ou falsidade de um discurso não é importante, já que a “verdade” é produzida pelo poder. (Bonnici 2005b: 224)

Desta forma, fica evidente que o choque estabelecido nas zonas de contato, caracterizado pela interação cultural como uma via de mão única, ou seja, não pela troca de culturas como deveria ser, mas pela transmissão e predomínio de apenas uma das culturas, acarreta no fato de assim o discurso colonial fabrica o “outro”, criando assim um processo de “outremização”, sendo este conceito também denominado pela crítica pós-colonialista. Em relação à este aspecto, segundo Bhabha, “O poder colonial produz o colonizado com uma realidade fixa que é imediatamente em “outro” e ainda inteiramente conhecida e visível. Isto assemelha-se a um tipo de narrativa em que a produtividade e circulação de matérias e signos encontram-se ressaltadas numa totalidade reformada e reconhecível” (1991: 186).

Instaura-se assim uma situação na qual se tem apenas um ser na posição de Sujeito agente da ação, o que determina uma relação assimétrica entre as partes, visto que o outro em questão será rebaixado e encarado como subalterno. Cria-se, assim, um discurso poderoso e “verdadeiro”, privando o outro do discurso e do poder que possa existir neste contato, inferiorizando-o, tornando-o um mero objeto em relação ao agente, tornando-o “outro”:

Nas sociedades pós-coloniais, o sujeito e o objeto pertencem à uma hierarquia em que o oprimido é fixado pela superioridade moral do dominador. O colonizador, seja espanhol, português, inglês, se impõe como poderoso, civilizado, culto, forte, versado na ciência e na literatura. Por outro lado, o colonizado é descrito constantemente como sem roupa, sem religião, sem lar, sem tecnologia, ou seja, em nível bestial. (Bonnici 2005b: 230)

Evidencia-se o motivo de que os colonizadores farão uso para subestimar os nativos e sua cultura local. Os colonizadores certificavam-se de que na antiga colônia havia um local com vasto potencial para exploração, tanto material quanto humana, passando a inferiorizar os seus habitantes para melhor tirar proveito de suas riquezas. Por este motivo, no caso da América do Sul, os colonizadores olhavam-se de maneira superior em relação aos índios. As gerações de europeus convenciam-se de sua superioridade cultural e intelectual diante da “nudez” dos ameríndios, como comprovam algumas descrições feitas pelos colonizadores europeus ao tecer comentários sobre o índio e sua cultura como, por exemplo, no relato do português Pero Vaz Caminha (2002) endereçado ao Rei de Portugal:

Eram pardos, todos nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas. Nas mãos traziam arcos com suas setas. Vinham todos rijos sobre o batel; e Nicolau Coelho lhes fez sinal que pousassem os arcos. E eles os pousaram. (33)

Ali andavam entre eles três ou quatro moças, bem moças e bem gentis, com cabelos muito pretos, compridos pelas espáduas, e suas vergonhas tão altas, tão cerradinhas e tão limpas das cabeleiras que, de as muito bem olharmos, não tínhamos nenhuma vergonha. (43)

E uma daquelas moças era toda tingida, de baixo a cima daquela tintura; e certo era tão bem-feita e tão redonda, e sua vergonha (que ela não tinha) tão

graciosa, que a muitas mulheres da nossa terra, vendo-lhe tais feições, fizera vergonha, por não terem a sua como ela. (44)

Do que tiro ser gente bestial, de pouco saber e por isso tão esquiva. (56)

Parece-me gente de tal inocência que, se homem os entendesse e eles a nós, seriam logo cristãos, porque eles, segundo parece, não têm, nem entendem em nenhuma crença. (66)

Portanto Vossa Alteza, que tanto deseja acrescentar a santa fé católica, deve cuidar da sua salvação. E prazerá a Deus que com pouco trabalho seja assim. (66)

Porém o melhor fruto, que nela se pode fazer, me parece que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar. (73)

Relatos deste tipo foram frequentes sobre os povos colonizados. Destacam-se também as descrições do explorador espanhol Cortez, ao relatar a atitude dos nativos da América Espanhola:

nos comportamentos e relacionamentos, essa gente tem quase os mesmos modos de viver que na Espanha, e há tanta ordem e harmonia quanto lá; e, considerando que são bárbaros e tão afastados do conhecimento de Deus e da comunicação com outras nações racionais, é uma coisa admirável ver a que ponto chegaram em todas as coisas. (Todorov 1991: 124)

Percebe-se claramente a maneira com que os exploradores olharam para os nativos, retratando-os sempre como inferiores ou povos “bárbaros”, “sem conhecimento de Deus”, o que é um profundo engano, pois esses povos tinham sua própria religião, assim como uma organização social, sendo classificados de maneira equivocada como “afastados das nações racionais”, como se estas fossem apenas as nações européias. Deste modo, percebem-se nos relatos dos conquistadores os traços de objetificação do outro, ou seja, uma relação de “outremização” marcada entre as partes como Sujeito/objeto, ou Outro/outro, como afirma (Todorov, 1991: 126): “nesse caso, o outro era reduzido, pode-se dizer, ao estatuto de objeto”. É por esta visão em relação ao outro que tivemos uma grande morte em massa nestas terras, ficando nítida o a banalização da morte destes seres, que eram vistos como irrelevantes. Pensando em termos numéricos, o que é muito cruel quando se trata de vidas, os números são exageradamente assustadores:

Lembraremos que em 1500 a população do globo deve ser da ordem de 400 milhões, dos quais 80 habitam as Américas. Em meados do século XVI, desses 80 milhões restam 10. Ou se nos restringirmos ao México: às vésperas da conquista, sua população é de 25 milhões; em 1600, é de 1 milhão. Se a palavra genocídio foi alguma vez aplicada com precisão a um caso, então é esse. (Todorov 1991: 129)

ESTUDO ANALÍTICO

A análise aqui proposta será feita com base em um texto da literatura brasileira sob o aspecto da teoria pós-colonial, visto que são classificados como textos desta vertente as produções literárias dos povos colonizados entre o século XV e XX pelo imperialismo europeu e que foram influenciados, direta ou indiretamente, pelo contato com o colonizador desde seu primeiro momento. Deste modo, enquadra-se nesta abordagem o poema intitulado “O Canto do Piaga”, de Gonçalves Dias, o qual retrata a postura do colonizador europeu em relação aos nativos da América do Sul, mais precisamente a relação estabelecida entre os portugueses e os índios Tupis, destacando-se a maneira como esta relação foi maléfica para os índios, o que ocasionou a criação de uma imagem negativa em relação à figura dos colonizadores, a qual repercutiu em vários campos do conhecimento, inclusive nas artes, como no poema que segue transcrito abaixo:

O canto do Piaga

I

Ó Guerreiros da Taba sagrada,
Ó Guerreiros da Tribo Tupi,
Falam Deuses nos cantos do Piaga,
Ó Guerreiros, meus cantos ouvi.

Esta noite - era a lua já morta -
Anhangá me vedava sonhar;
Eis na horrível caverna, que habito,
Rouca voz começou-me a chamar.

Abro os olhos, inquieto, medroso,
Manitôs! que prodígios que vi!
Arde o pau de resina fumosa,
Não fui eu, não fui eu, que o acendi!

Eis rebenta a meus pés um fantasma,
Um fantasma d'imensa extensão;
Liso crânio repousa a meu lado,
Feia cobra se enrosca no chão.

O meu sangue gelou-se nas veias,
Todo inteiro - ossos, carnes - tremi,
Frio horror me coou pelos membros,
Frio vento no rosto senti.

Era feio, medonho, tremendo,
Ó Guerreiros, o espectro que eu vi.
Falam Deuses nos cantos do Piaga,
Ó Guerreiros, meus cantos ouvi!

II

Por que dormes, ó Piaga divino?
Começou-me a Visão a falar,
Por que dormes? O sacro instrumento
De per si já começa a vibrar.

Tu não viste nos céus um negrume
Toda a face do sol ofuscar;
Não ouviste a coruja, de dia,
Seus estrídulos torva soltar?

Tu não viste dos bosques a coma
Sem aragem – vergar-se e gemer,
Nem a lua de fogo entre nuvens,
Qual em vestes de sangue, nascer?

E tu dormes, ó Piaga divino!
E Anhangá te proíbe sonhar!
E tu dormes, ó Piaga, e não sabes,
E não podes augúrios cantar?!

Ouve o anúncio do horrendo fantasma,
Ouve os sons do fiel Maracá;
Manitôs já fugiram da Taba!
Ó desgraça! ó ruína! ó Tupá!

III

Pelas ondas do mar sem limites
Basta selva, sem folhas, i vem;
Hartos troncos, robustos, gigantes;
Vossas matas tais monstros contêm.

Traz embira dos cimos pendente
– Brenha espessa de vários cipó –
Dessas brenhas contêm vossas matas,
Tais e quais, mas com folhas; é só!

Negro monstro os sustenta por baixo,
Branças asas abrindo ao tufão,
Como um bando de cândidas garças,
Que nos ares pairando - lá vão.

Oh! quem foi das entranhas das águas,
O marinho arcabouço arrancar?
Nossas terras demanda, fareja...
Esse monstro... – o que vem cá buscar?

Não sabeis o que o monstro procura?
Não sabeis a que vem, o que quer?
Vem matar vossos bravos guerreiros,
Vem roubar-vos a filha, a mulher!

Vem trazer-vos crueza, impiedade -
Dons cruéis do cruel Anhangá;
Vem quebrar-vos a maça valente,
Profanar manitôs, maracás.

Vem trazer-vos algemas pesadas,
Com que a tribo Tupi vai gemer;
Hão de os velhos servirem de escravos
Mesmo o Piaga inda escravo há de ser!

Fugireis procurando um asilo,
Triste asilo por ínvio sertão;
Anhangá de prazer há de rir-se,
Vendo os vossos quão poucos serão.

Vossos Deuses, ó Piaga, conjura,
Susta as iras do fero Anhangá.
Manitôs já fugiram da Taba!
Ó desgraça! ó ruína! ó Tupá!

(Dias 1982: 12-15)

Para iniciar a análise é essencial inserir o texto em seu contexto de produção e ambientá-lo com o máximo de informações que sejam necessárias a sua compreensão, sendo este tipo de abordagem embasado na teoria de Michel Foucault, a qual

une o ceticismo referente ao discurso e à abordagem histórica da interpretação. Reconhece que o discurso, escrito ou oral, jamais poderia estar livre das amarras do período histórico em que foi produzido, ou seja, o discurso

está inerente a todas as práticas e instituições culturais e necessita da agência dos indivíduos para poder ser efetivo. (Bonnici 2005b: 223)

Desta maneira, é válido ressaltar que o poema “O Canto do Piaga”, de Gonçalves Dias, foi composto na primeira metade do século XIX e publicado em 1846 na obra intitulada “Primeiros Cantos”. Trata-se de um poema pertencente ao conjunto de textos da primeira fase da poesia do Romantismo brasileiro, a qual possuiu um forte nacionalismo devido ao fato desta fase se iniciar logo após a Independência do Brasil, em 1822, sendo esta uma mudança histórica muito relevante para o país, o qual deixava de ser uma mera colônia de exploração para tornar-se, ao menos no papel, uma nação independente. Devido a esta liberdade emancipatória recente para a época, percebe-se como característica comum em vários textos deste período uma necessidade de se falar das coisas sobre “nossa terra”, por isso os textos deste período são compostos com bases em características e ambientações que representam a nossa “cor local”, ou seja, nossa culturas em geral, assim como nossa fauna e flora.

O Romantismo brasileiro buscou um resgate à suas origens, à moda do Romantismo europeu, de um modo geral. Os europeus resgataram o perfil do cavaleiro medieval, visto sempre como bom, nobre, honrado, corajoso, e vestiram com esta roupagem seus heróis românticos por lá. Porém, como no Brasil não houve Idade Média, segundo a “verdade” narrada sob a ótica da história tradicional, o resgate de nossa origem deu-se com base nos textos do período do “descobrimento” quinhentista. Desta forma, a imagem a ser resgatada foi a do índio, visto que se tratava do verdadeiro fruto desta terra, o qual ainda possuía uma cultura que não havia sido ainda corrompida pelos valores do colonizador.

Desta idéia surge o conceito do indianismo, passando a ser o índio o nosso representante nacional também caracterizado com uma roupagem parecida com a do cavaleiro medieval europeu, pois ambos tinham em destaque características como: a honra, a coragem e a força guerreira, devido à seus princípios. Estes traços irão marcar de maneira decisiva a primeira geração da poesia romântica brasileira, a qual possui um forte caráter de nacionalismo e indianismo, ambos idealizados, tendo seu maior representante nacional em Gonçalves Dias. Sua poesia possui está marcada pelo:

Indianismo e inspiração medievalista, isto é, de reconsideração de idéias e visões tomadas à tradição medieval. Neste caso, deve-se entender a sua poesia indianista como antevisão lírica e épica de nossas origens, revigorando as intenções nacionalistas do romantismo. [...] É de fato nosso primeiro poeta romântico a se identificar imediatamente com a sentimentalidade de seu povo e a dar um exemplo fecundo à nossa criação literária. (Candido & Castello 1987: 178)

Sendo assim, percebe-se que o poema em questão possui de forma evidente estas características, sendo nítida a valorização de nossa “cor local”, visto que a tribo escolhida pelo autor para a composição do poema foi a tribo Tupi, uma das maiores

e mais antigas tribos da América do Sul. Percebe-se que mesmo em outros poemas do autor, quando aparecem outras tribos, como a dos Gês, ou Aimorés, mantém-se o cuidado de se criar um indianismo com base nos povos que habitavam a América do Sul antes da colonização. Desta forma, nota-se que em momento algum vemos em nosso indianismo sendo citadas tribos como a dos Apaches, Comanches, Sioux ou Dakotas, pois estas se tratam de tribos da América do Norte, não possuindo vínculo com a nossa “natureza”, ou seja, com nossa verdadeira identidade nacional. Paralela à temática da exaltação dos nativos, também se destacam textos que retratam fatos ocorridos nos primeiros séculos da colonização, como o poema em questão, o qual revela o choque na zona de contato entre os povos indígenas nativos da América do Sul em contato com o colonizador europeu.

Aprofundando a análise do poema percebe-se que este ressalta o modo como o Piaga, o qual era uma espécie de sacerdote e sábio, é surpreendido por uma voz que vem na forma de um fantasma horrendo dar-lhe a notícia de uma transformação cruel e brutal que está ocorrendo naquelas terras, transformação esta que até a natureza já percebeu, como nota-se nos versos “Tu não viste nos céus um negrume / Toda a face do sol ofuscar; / Não ouviste a coruja, de dia, / Seus estrídulos torva soltar? / Tu não viste dos bosques a coma / Sem aragem – vergar-se e gemer, / Nem a lua de fogo entre nuvens, / Qual em vestes de sangue, nascer?”. Percebe-se uma mudança na ambientação, pois o céu escurece ofuscando a face do sol, passando-se, através deste tipo de ambientação, uma imagem mais negativa e triste ao leitor. Para complementar esta imagem têm-se a descrição de uma coruja estridente, símbolo de mau agouro, de azar. Tudo isto é muito simbólico, mostrando assim que as mudanças ocorridas foram prejudiciais aos povos nativos, sendo estas associadas à toda destruição trazida pelo explorador, o qual, como pode-se perceber nos relatos dos colonizadores, maltratavam e matavam das mais variadas formas aqueles que o não seguissem suas imposições ou que tentassem impedir a exploração desenfreada que se realizava nos mais variados aspectos. Foi para isso que se destruiu uma cultura riquíssima de séculos. Ações como estas nem poderiam mesmo ser vistas de maneira otimistas a não ser pelos opressores, pois para os povos e para natureza violentada predominava a imagem negativa e sombria nos ares, como ocorre na ambientação do poema.

Nota-se que no poema o agente desta destruição é associado a um monstro marinho, como observa-se nos versos: “Oh! quem foi das entranhas das águas, / O marinho arcabouço arrancar? / Nossas terras demanda, fareja... / Esse monstro... – o que vem cá buscar?”. Aqui se evidenciam a leitura e a imagem negativa dos exploradores, uma vez que eles tiveram que cruzar o mar para sair da Europa e chegar à América. Sendo assim, nota-se a descrição dos europeus exploradores, associado no poema, como os monstros surgidos do mar.

Esta visão negativa do europeu reflete a relação assimétrica que foi estabelecida na zona de contato, instaurando-se uma relação entre Sujeito/objeto, neste caso entre o agente explorador e o povo explorado que passa a ser objetificado através do processo de outremização. Nota-se que o poema apresenta alguns níveis deste processo. Primeiramente têm-se a exploração física do território, feita de maneira violenta

ta e destrutiva, como fica destacado nos versos “Vem matar vossos bravos guerreiros, / Vem roubar-vos a filha, a mulher! [...] / Vem trazer-vos algemas pesadas, / Com que a tribo Tupi vai gemer; / Hão de os velhos servirem de escravos / Mesmo o Piaga inda escravo há de ser!”. Logo após, temos um segundo estágio de outremização, sendo este o da degradação do nativo e de sua cultura, quando são desrespeitados os costumes locais e impostos os costumes do colonizador (o Outro), como destacam os versos: “Vem trazer-vos crueza, impiedade - / Dons cruéis do cruel Anhangá; / Vem quebrar-vos a maçã valente, / Profanar manitôs, maracás”.

Sabendo que “manitos” referem-se aos deuses da religião indígena, e que os “maracás” são espécies de chocalhos utilizados nos rituais religiosos, fica evidente aqui a desvalorização e destruição dos elementos sagrados dos rituais indígenas, em detrimento da imposição da crença e dos valores europeu-cristãos. Percebe-se que Gonçalves Dias utiliza uma metonímia para passar essa imagem da desvalorização e destruição de toda uma cultura, pois os elementos sagrados descritos, manitos e maracás, podem ser lidos como alguns objetos que representam, de maneira geral, toda a cultura nativa que fora desprezada e destruída. Este tipo de relação descrita caracteriza-se como um caso de transculturação na zona de contato, ou seja, não nota-se a troca e o respeito das diferentes culturas de maneira igualitárias, mas apenas uma transmissão da cultura dos grupos dominantes aos grupos dominados, feita de maneira imposta e violenta através de um tratamento coercivo e desigual em relação às partes envolvidas.

O poema termina com um tom de súplica desoladora: “Vossos Deuses, ó Piaga, conjura, / Sustenta as iras do fero Anhangá. / Manitôs já fugiram da Taba! / Ó desgraça! ó ruína! ó Tupá!” Nesta última estrofe nota-se que toda esta destruição pode ser referente às iras do feroz “Anhangá”, sendo este associado ao gênio do mal na crença indígena. Nota-se no último verso a situação cruel em que se encontram. Uma leitura possível desta crueldade pode ser associada diretamente à atitude dos exploradores, que em outras terras cometem delitos que não faria em sua nação, como matar, saquear, ou destruir de qualquer forma que seja sem dar chances de defesa.

Para concluir a análise é válido refletir sobre o modo como o poema critica o colonialismo, visto que ele ainda mantém reflexos coloniais, percebendo-se assim a transculturação como fenômeno utilizado para resistência, pois no que diz respeito à sua estrutura, o poema é escrito em língua portuguesa, justamente a língua que foi imposta, porém, com o intuito de criticar os abusos praticados pela metrópole na antiga colônia. Destaca-se também outra forma de resistência presente no texto, a qual reside na criação de uma imagem negativa e monstruosa do colonizador e de suas atitudes, visando denegri-lo, o que se trata de um mecanismo de resposta à violência imposta, como afirma Janmohammed: “o autor da literatura pós-colonial deve dedicar-se à produção de estereótipos negativos do colonizador e das imagens autênticas do colonizado. Deste modo, criará um mecanismo que foi produzido inverso, mas eficazmente na era colonial” (Bonnici 1998: 15).

Este tipo de atitude crítica é essencial para que venham à tona os abusos cometidos e para que esta realidade cruel seja conhecida, porém para que não se repita no-

vamente. Para isso, é essencial que se desconstrua essa visão assimétrica e desigual, como nos propõe Fanon ao dizer que “Desmantelar o mundo colonial não significa que depois da abolição das fronteiras, serão construídas vias de passagens entre as duas zonas. Destruir o mundo colonial é, nem mais nem menos, abolir uma zona, enterrá-la no mais profundo do solo ou expulsá-la do território” (2006: 57).

Ao término deste estudo, evidencia-se a grande importância do referencial teórico proporcionado pela Teoria Pós-colonial, a qual auxiliou em muito os estudos teórico-críticos relacionados aos textos artísticos, sendo esta uma nova e interessante proposta de abordagem. Ressalta-se também a importância das reflexões e questionamentos aqui suscitados, uma vez que visam questionar algumas “verdades” pré-estabelecidas e relativizar vários conceitos que foram erigidos sob a égide de um discurso muitas vezes opressor e unilateral. Pode-se perceber que o estudo em questão objetivou fazer um recorte de uma teoria mais ampla para a análise do poema “O Canto do Piaga”, sendo este fruto da criação de Gonçalves Dias, artista consciente e muito representativo para a literatura nacional. No entanto, sabe-se que um texto rico como este não está esgotado em suas possibilidades de leituras, podendo vir a ser revisitado com base em outras teorias.

OBRAS CITADAS

BHABHA, Homi K. A Questão do Outro: diferença, discriminação e o discurso do colonialismo. Heloísa Buarque de Hollanda. *Pós-modernismo e política*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991. 177-203.

BONNICI, Thomas. *Conceitos Chave da teoria pós-colonial*. Maringá, PR: Eduem, 2005a.

———. Introdução aos estudos das literaturas pós-coloniais. *Mímesis* (Bauru) 19.1 (1998): 7-23.

———. Teoria e crítica pós-colonialistas. Thomas Bonnici & Lúcia Ozana Zolin, orgs. *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 2ª ed. Maringá: Eduem, 2005b. 223-239.

CAMINHA, Pero Vaz de. *Carta de Caminha: a notícia do achamento do Brasil*. Rio de Janeiro: Expressão e cultura, 2002.

CANDIDO, Antonio & José Aderaldo Castello. *Das Origens ao Realismo*. Vol. 1 de *Presença da Literatura Brasileira: História e Antologia*. 2º Ed. 3 vols. São Paulo: Bertrand Brasil, 1987.

DIAS, Gonçalves. *Literatura Comentada*. São Paulo: Abril Educação, 1982.

FANON, Franz. *Os condenados da terra*. Juiz de Fora: UFJF, 2006.

NASCIMENTO FILHO, Antonio José do. *Bartolomeu de Las Casas, um cidadão universal*. São Paulo: Loyola, 2005.

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da Amrica: a questo do outro*. So Paulo: Martins Fontes, 1991.

THE EXPLORATORY REFLECTIONS OF THE COLONIZATION IN GONÇALVES DIAS’ “O CANTO DO PIAGA”: A POST-COLONIAL APPROACH

ABSTRACT: This article discusses the posture of the colonizer towards the Native people of South America through the analysis of the poem “O Canto do Piaga” (The Medicine Man’s Chant), focusing on the way in which this relationship was harmful to the Native people. The colonizers saw in the old colony a place with a great potential for exploitation, both material and human. Its consequence was the underestimation of the original people from South America, thus generating a very negative view of the colonizers regarding the Native’s attitudes, which had encompassed many fields of knowledge, including arts as in the case of the analyzed poem.

KEYWORDS: post colonial literature; contact zone; othering.

Recebido em 22 de junho de 2011; aprovado em 14 de setembro de 2011.